

Lápides funerárias romanas com suástica em Portugal e na Galiza

FERNANDO COIMBRA*

Sumario

Neste artigo aborda-se o simbolismo das suásticas existentes em lápides funerárias romanas do Norte de Portugal e da Galiza, analisando as associações com a restante iconografia desses monumentos. São efectuadas reflexões sobre o culto funerário como auxiliar na compreensão dos motivos simbólicos presentes nas estelas. Por último, apresenta-se uma interpretação contextualizada, baseada nas observações e nas reflexões realizadas ao longo do texto.

Abstract

This article approaches the symbolism of the swastikas which appear in Roman funerary stelae from the North of Portugal and Galicia, analysing their associations with the other iconography on the same monuments. The author makes some reflections about the funerary cult as an assistant for the understanding of the symbolic motives which are present in these tombstones. Finally, he makes a contextual interpretation, based on the observations and on the analyses made during the text.

INTRODUÇÃO

Com este artigo não se pretende efectuar o inventário das lápides funerárias romanas com suástica na área geográfica referida, visto que esse trabalho já foi por nós elaborado em outra ocasião (COIMBRA, 2007). Por outro lado, uma vez que o número de tais peças ascende actualmente a cento e cinquenta e três, o seu catálogo ocuparia demasiado espaço nesta publicação, tornando-se impraticável. Assim, o objectivo principal que nos move é o estudo da iconografia e do simbolismo existente nestes monumentos funerários, não aprofundando determinados aspectos epigráficos, que já foram abordados por outros autores. Para além disso importa reflectir sobre o culto funerário romano e a sua influência nas estelas, como meio de compreender melhor o simbolismo das mesmas.

Os trabalhos de epigrafia têm privilegiado quase sempre as inscrições, deixando muitas vezes de parte a questão iconográfica destes monumentos.¹ Se a inscrição é importante e pode transmitir, entre outras, informações de carácter social sobre os indivíduos a quem as lápides são dedicadas, os motivos iconográficos representados não o são menos, uma vez que elucidam sobre o mundo das crenças.

Em 1990, J. Abásolo e R. Garcia Rosas publicaram um artigo intitulado *Sobre las estelas zamoranas e su ornamentación*, mas, de acordo com F. Sande Lemos, «a

Fernando Augusto Coimbra (Lisboa, 1956) é Doutor em Pré-história e Arqueologia pela Universidade de Salamanca e membro do Instituto Terra e Memória, Politécnico de Tomar. Licenciou-se em História, Variante de Arqueologia pela Universidade do Porto. É também membro da Comissão Científica do HERAC – Hellenic Rock Art Center (Philippi, Grécia) e do Gabinete de História, Arqueologia e Património (V. N. de Gaia, Portugal).

¹ É por esta razão que não citamos na bibliografia diversos artigos da *Hispania Epigraphica*, de *L'Année Epigraphique* e os trabalhos de M. M. Alves Dias publicados entre 1988 e 1994 na revista *Euphrosyne* intitulados *Para um repertório das inscrições romanas do território português*, entre outras publicações, pois, de modo geral, apenas indicam as inscrições, sendo as referências à iconografia muito reduzidas. Pelo mesmo motivo não citamos o *Corpus Inscriptionum Latinarum*.

terminologia que aplicam é puramente morfológica, e não tentam uma interpretação da estrutura simbólica» (LEMOS, 1993: 475). Na realidade, aqueles autores apresentam uma tipologia baseada nos elementos iconográficos das lápides mas não analisam qualquer significado em relação aos mesmos. De facto, são raros os trabalhos sobre o simbolismo das lápides funerárias romanas e alguns dos que existem apresentam uma abordagem demasiadamente subjectiva.

Partilhamos as ideias de A. Redentor quando escreve que «discorrer acerca do significado simbólico da iconografia que apresentam os diversos monumentos funerários será um caminho profícuo - ainda que não isento de dificuldades - para aprofundarmos a visão sobre a simbiose cultural que aí parece reflectir-se, além de servir para uma aproximação à expressão que reveste o culto dos mortos» (REDENTOR, 2002: 236).

No território hoje português existem inúmeras lápides funerárias com suástica, verificando-se a maior concentração no Distrito de Bragança. Fora dessa região elas surgem em número muito menor, passando-se o mesmo relativamente à Galiza. Todavia, as lápides bragançanas encontram-se muito dispersas, quer por museus do País, quer por pequenas igrejas do Nordeste Transmontano, quer até por casas de particulares, o que torna difícil o seu estudo.²

A grande maioria destas estelas funerárias apareceu no decorrer de trabalhos agrícolas, ou durante obras de restauro em edifícios diversos, surgindo as lápides embutidas em paredes de igrejas ou de casas de aldeia, sendo os exemplares encontrados em escavações arqueológicas extremamente raros. Uma vez que, de modo geral, estes monumentos foram encontrados fora de contexto, a sua cronologia torna-se por vezes difícil, nomeadamente nos casos em que a inscrição já desapareceu, ou está mutilada. Todavia, trata-se de peças geralmente datáveis entre os finais do séc. I e o séc. III.

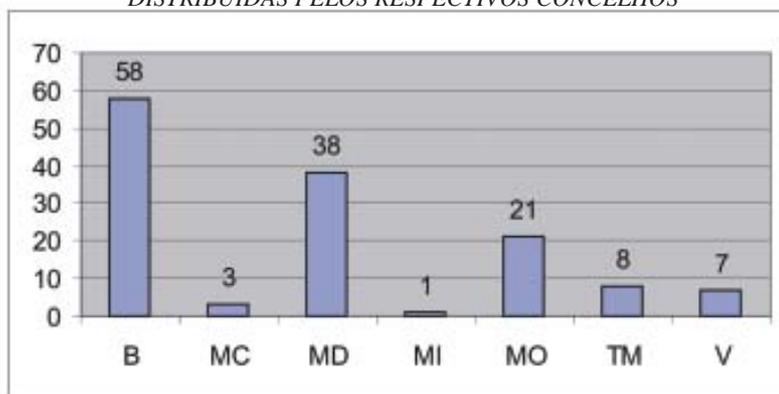
1 – LÁPIDES DE PORTUGAL

No território actualmente português encontraram-se lápides funerárias com suástica em sete distritos, sendo, por ordem alfabética, os seguintes: Braga, Bragança, Castelo Branco, Guarda, Porto, Vila Real e Viseu. Até hoje não apareceram exemplares no sul do País, parecendo tratar-se de um fenómeno adscrito a uma área geográfica específica – o Nordeste Transmontano –, constituindo os outros distritos indicados regiões limítrofes com um reduzidíssimo número de casos.

No Distrito de Braga encontrou-se apenas uma lápide com suástica, tratando-se todavia da que se encontra mais a oeste no território português, sendo, certamente, proveniente da cidade romana de *Bracara Augusta*. Trata-se de uma estela de granito, com cabeceira semicircular, apresentando um hexásceles³ inserido num círculo.

² Para além disso, actualmente desconhece-se o paradeiro de algumas lápides estudadas no final do séc. XIX e princípio do séc. XX, sendo as peças conhecidas apenas por desenhos dessa época que poderão estar incorrectos, como já se tem verificado no caso de estelas ainda existentes. Por outro lado, o número de lápides na posse de particulares é bastante elevado, dificultando o seu estudo, pois torna-se necessário, primeiro, chegar ao conhecimento dessas pessoas e depois cativar a sua boa vontade em mostrar as peças.

³ Um hexásceles é uma variante da suástica com seis braços. A. Tranoy e P. Le Roux (1989-90) referem esta suástica como tendo sete braços, mas tal não corresponde à realidade. Num artigo de J. Leite de Vasconcelos publicado em *O Arqueólogo Português*, já aparece um desenho desta lápide nitidamente com um hexásceles (VASCONCELOS, 1918).

GRÁFICO 1.- LÁPIDES FUNERÁRIAS DO DISTRITO DE BRAGANÇA
DISTRIBUÍDAS PELOS RESPECTIVOS CONCELHOS

Legenda: B – Bragança; MC – Macedo de Cavaleiros; MD – Miranda do Douro; MI – Mirandela; MO – Mogadouro; TM – Torre de Moncorvo; V – Vimioso.

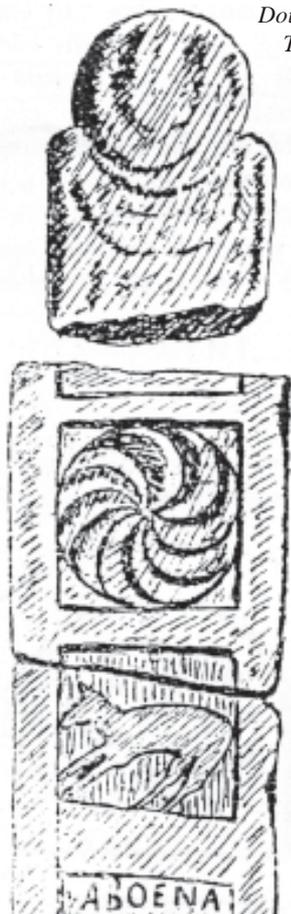


Fig.1 – Estela de Laboena.
(Segundo ALVES, 1934).

O Distrito de Bragança é o que apresenta o maior número de lápides funerárias do tipo aqui estudado, totalizando cento e trinta e sete exemplares, encontrando-se distribuídas por sete concelhos que são, por ordem alfabética, os seguintes: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Torre de Moncorvo e Vimioso (Gráfico 1).

As lápides do concelho de Bragança distribuem-se, por sua vez, por dezasseis freguesias que são as seguintes: Alfaião, Aveleda, Baçal, Carrazedo, Castrelos, Castro de Avelãs, Donai, Espinhosela, Failde, Gimonde, Grijó de Parada, Meixedo, Nogueira, Quintela de Lampaças, Samil e Santa Maria.

Relativamente ao concelho de Macedo de Cavaleiros, não podemos deixar de destacar uma lápide de granito, atribuída por alguns autores a *Laboena*, com quatro registos e uma tipologia até agora única para todo o território estudado (Fig.1). No registo superior observa-se uma cabeça antropomórfica, representando possivelmente a defunta, ornada de um *torques* e um crescente que descansa sobre o busto. Mais abaixo, surge uma svástica sinistrorsa de dez braços inserida numa cartela quadrangular (Fig.1A). Rodriguez Colmenero (1997) conta apenas nove braços, mas na realidade eles são dez, como se pode constatar na imagem.

No terceiro registo aparece a representação de uma fêmea de cervídeo virada à esquerda, abaixo da qual se encontra o campo epigráfico com a seguinte inscrição⁴:

LABOENA / CILVRNI / VXORIS / TAVI . /⁵
CANCI

De Miranda do Douro são provenientes algumas das mais belas e interessantes lápides funerárias do Nordeste Transmontano, tendo sido encontradas nas seguintes freguesias: Aldeia Nova, Atenor, Duas Igrejas, Ifanes, Malhadas, Palaçoulo e Picote. As desta última, devido às suas características (existência de peanha, «esquadros», meias esferas e, por vezes, motivos vegetais e representações zoomórficas), deram origem a uma determinada tipologia, precisamente o tipo «Picote» (TRANOY, 1981: 349-350).



Fig. 1A – Pormenor da suástica.

As lápides de Mogadouro apresentam por vezes semelhanças com as do concelho anterior, que lhe é vizinho, distribuindo-se pelas freguesias de Peredo de Bemposta, Saldanha, Sanhoane, São Martinho do Peso, Urrós, e Vilarinho dos Galegos.

Torre de Moncorvo tem a particularidade de as lápides com suástica encontradas até hoje serem todas do tipo trísceles, distribuindo-se pelas freguesias de Adeganha, Cabeça Boa e Cardanha, enquanto que os exemplares do concelho de Vimioso se distribuem pelas freguesias de Angueira, Argoselo, Pinelo e Santulhão.

Em cada um dos Distritos de Castelo Branco, Guarda, Porto e Viseu, até hoje apenas se encontrou um exemplar de lápide com suástica.

O Distrito de Vila Real é, após o de Bragança, o que apresenta mais exemplos deste tipo de monumentos funerários, sendo as peças provenientes dos concelhos de Chaves e de Valpaços.

⁴ Esta inscrição tem recebido diversas interpretações, razão pela qual apenas a transcrevemos sem desenvolver as possíveis abreviaturas. Para o Abade de Baçal, a defunta chama-se *Livia Aboena* (ALVES, 1934), enquanto que para Rodriguez Colmenero (1997) é *Lucila Aboena*. Albino P. Lopo (1920), Sónia García Martínez (2000) e A. Redentor (2003) interpretam a primeira linha como sendo *Laboena*. As outras linhas da epígrafe também não suscitam unanimidade entre os investigadores. Assim, A. P. Lopo (1920) e Rodriguez Colmenero (1997) lêem as últimas quatro letras como se tratando da idade da defunta, ou seja cento e um anos, o que para a época seria verdadeiramente excepcional. Todavia, uma lápide do concelho de Bragança dedicada a *Aurélio* indica a idade de cem anos (COIMBRA, 2007). O Abade de Baçal (1934) vê na última linha o nome do dedicante do monumento, que se chamaria *Câncio*, enquanto A. Redentor considera essa palavra como um nome mas não da pessoa que mandou fazer a lápide. Seja como for, estas diferentes interpretações da inscrição não afectam o significado da suástica e, pensamos que nesta lápide o mais importante é mesmo a iconografia. Trata-se da lápide de uma mulher, que provavelmente seria esposa ou filha de um destacado membro da sociedade, tendo em conta a representação do *torques* e do «crescente» que repousa sobre o peito, que poderá ser a imagem de um colar do tipo lúnula. Esta peça é extraordinária pela sua riqueza iconográfica, fazendo lembrar as estátuas menhir da Pré-história recente, parecendo uma sobrevivência das mesmas.

2 – LÁPIDES DA GALIZA

Ao contrário das cento e quarenta e nove lápides com suástica encontradas até hoje em Portugal, das quais cento e trinta e sete pertencem ao Distrito de Bragança, na Galiza conhecemos apenas três exemplares do mesmo tipo. Verifica-se assim que a grande concentração destas peças no território estudado se encontra no Nordeste Transmontano, surgindo apenas escassos exemplos em regiões limítrofes, conforme já referimos. A mesma situação de escassez se passa na Galiza, cujas lápides com suástica se distribuem pelas Províncias de A Coruña, Pontevedra e Ourense, cada uma apenas com um exemplar.

Na primeira daquelas regiões a estela encontra-se a servir de lintel na porta de um anexo da Igreja de Santa Eulália de Espenuca, no concelho de Coirós⁵ e foi publicada muito sumariamente por A. del CASTILLO (1949). Tem um trísceles dextrorso no registo superior, surgindo imediatamente abaixo deste motivo oito «portas», sendo a peça originariamente anepígrafe (Fig.2).

Esta é a única lápide que conhecemos com um número de portas tão elevado, que geralmente varia entre as duas e as quatro. Trata-se, portanto, de um caso fora do normal, que apresenta ainda o facto, também pouco comum, de não possuir inscrição.

A lápide da Província de Ourense é proveniente de Sabucedo de Limia (Xinzo de Limia) e tem uma cabeceira em forma de frontão triangular, apresentando um hexásceles dextrorso inserido num círculo, cujos braços partem de um pequeno círculo central. A suástica associa-se a três pequenos círculos, que a envolvem de forma triangular, um no vértice do frontão, com uma cruz grega inscrita, e outros dois abaixo do símbolo, cada um com um ponto no interior.⁶

Na Província de Pontevedra existe uma lápide de granito, provavelmente do séc. III, apresentando restos de um hexásceles dextrorso, abaixo do qual se observa um grande crescente lunar. A peça encontra-se fragmentada pela inscrição mas ainda é possível ler:

D (iis) M (anibus) . S (acrum) / PLACID / INAE / [...]

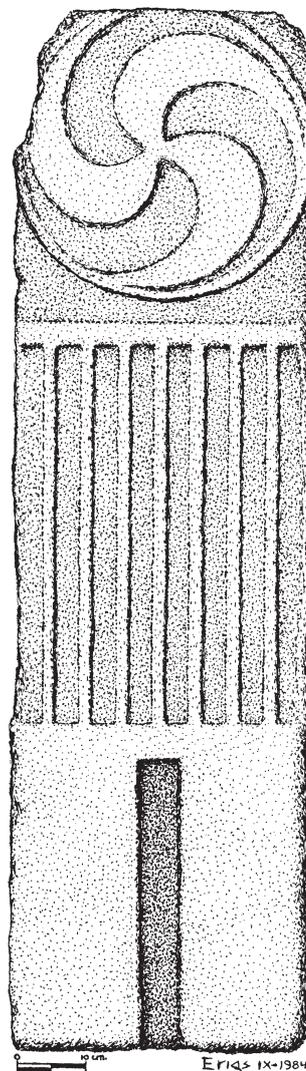


Fig.2 – Lápide de Espenuca, Coirós. (Desenho de Alfredo Erias).

⁵ Existe uma excelente réplica desta estela no Museu das Marinhas, em Betanzos, A Coruña. Agradecemos ao seu Director, Dr. Alfredo Erias, nosso caro amigo, a informação sobre a localização da peça original.

⁶ Rodríguez Colmenero (1987) apresenta um desenho desta peça onde se observam sete braços, mas na realidade eles são apenas seis, conforme se pode observar no original exposto em Madrid no Museu Arqueológico Nacional. Infelizmente não conseguimos obter uma boa imagem desta peça devido a falta de luz, razão pela qual não a publicamos. Todavia, a fotografia da mesma lápide publicada por aquele investigador em 1997 esclarece perfeitamente a questão do número de braços (RODRÍGUEZ COLMENERO, 1997).

Esta estela foi reutilizada na igreja de Santa Maria de Caldas de Reis, mas a proveniência exacta é desconhecida (BAÑOS RODRIGUEZ, 1994). Actualmente está depositada no Museu Arqueológico Provincial de Pontevedra.

3 – ESTUDO ANALÍTICO E COMPARATIVO

Para se compreender o simbolismo das lápides que estudamos neste artigo, torna-se necessário primeiramente analisar o modo como a suástica é utilizada, observando a sua associação com outros motivos, antes de passar à interpretação propriamente dita.

Em primeiro lugar queremos destacar alguns casos que consideramos sugestivos. Trata-se das lápides que apresentam uma suástica sobre peanha semienvolvida por *torques*. Existem diversos exemplos deste tipo, sendo de destacar, entre outros, os seguintes: a lápide de *Próculo(a)*, proveniente de Grijó de Parada (Fig.3); a lápide de *Laboena*, de Pinhovel (Fig.1); a de *Lúcio Paterno*, de Aldeia Nova (Fig.4); a de *Valério*, de Duas Igrejas (Fig.5); a de *Daphnus*, de Samaiões (Fig.6); e a lápide dupla de *Ama* e *Valéria* do Planalto Mirandês (Fig.11). Mais adiante, voltaremos a analisar detalhadamente esta associação entre suástica, peanha e *torques*.

Em segundo lugar, inúmeras lápides com suástica têm, no registo inferior, um número variável de cavidades que diversos autores interpretam como as «portas do além» (VASCONCELOS, 1913; RODRIGUEZ COLMENERO, 1997; FERNANDES, 2002; RIBEIRO, 2002a). Outras apresentam abaixo do campo epigráfico representações zoomórficas de javalis, veados e fêmeas de cervídeo.



Fig.4 – Hexásceles sobre peanhas.
(segundo ALVES, 1934).

Fig.3 – Lápide de Próculo.
(segundo REDENTOR, 2002).



Fig. 5 – Torques (de dupla escócia?) sobre peanha. (Foto IPM).

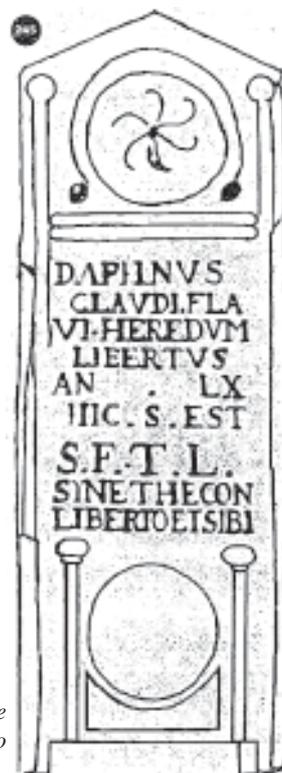


Fig. 6 – Estela de Daphnus. (Segundo COLMENERO, 1997).

Importa também referir que estes monumentos são, de modo geral, dedicados a indivíduos indígenas romanizados que, embora aderindo à utilização de inscrições em latim nos seus epitáfios, continuam a manter tradições culturais pré-romanas, como a suástica e as citadas representações animais «où s' affirme la croyance dans un culte animalier, prolongement du culte zoomorphique de la culture des Verracos de la Meseta» (TRANOY, 1988-1994: 133).

Alguns autores têm tentado elaborar tipologias gerais das lápides do Distrito de Bragança (REDENTOR, 2002) e da Província de Zamora (ABÁSULO e GARCÍA ROSAS, 1990). Mas tal não se torna fácil, porque existem muitas nuances de peça para peça, embora o trabalho realizado por esses investigadores seja extremamente válido. Uma vez que a nossa investigação se centra na existência da suástica em lápides funerárias, preferimos fazer uma tipologia sobre este símbolo em vez de ser sobre a configuração geral das estelas. Assim, verifica-se que as suásticas utilizadas nas lápides estudadas correspondem essencialmente a três tipos:

- I – Suásticas incisas.
- II – Suásticas sobre fundo rebaixado.
- III – Suásticas em «turbina».

Este terceiro tipo pode desdobrar-se em três subtipos:

- III A – Suásticas de turbina com braços em bisel.
- III B – Suásticas de turbina com braços planos.
- III C – Suásticas de turbina com braços arredondados.



Fig. 7 – Estela de Allio com hexásceles inciso.



Fig. 8 – Estela de Turo com trísceles associado a hederae.

As suásticas do tipo I surgem, de modo geral, em lápides de mármore, sendo frequentes nos concelhos de Miranda do Douro e Mogadouro, como acontece na estela de *Allio* (Fig. 7), proveniente de Picote e depositada no Museu do Abade de Baçal (Bragança).

As dos tipos II e III surgem geralmente em peças de granito. Como exemplo do tipo II refira-se a estela de *Turo* (Fig. 8), depositada no Museu do Ferro e da Região de Moncorvo.

Exemplos do subtipo III A são, respectivamente, as estelas de *Frontão* (Fig. 9), proveniente de Picote e outra, anepígrafe, encontrada no decorrer de obras no pavimento da igreja matriz de Sanhoane, Mogadouro (Fig. 10).

O subtipo III B é exemplificado, entre outras, pela estela de *Próculo* (Fig. 3) e pela lápide dupla de *Ama* e *Valeria* (Fig. 11) de proveniência incerta (Planalto Mirandês?) e depositada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

O subtipo III C tem como exemplo a estela de *Laboena* (Fig. 1) e o fragmento de uma lápide de Castro de Avelãs (Fig. 12).

Relativamente ao número de braços das suásticas, verifica-se que os hexásceles predominam, com sessenta e dois exemplos, seguindo-se os dodecásceles (suásticas de 12 braços), com vinte e oito casos e os trísceles com doze, conforme se verifica no seguinte gráfico⁷:

⁷ Nesta estatística não considerámos, obviamente, os casos de suásticas com número de braços duvidoso ou indeterminado.



Fig.9 – Suástica de turbina em bisel.
(Foto IPM).



Fig.10 – Estela anepígrafe de Sanhoane.

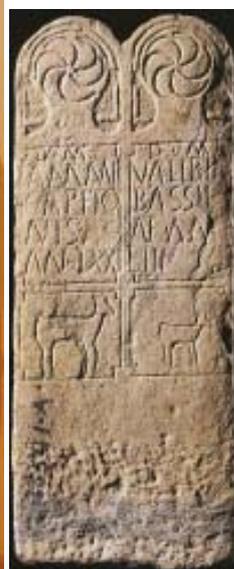
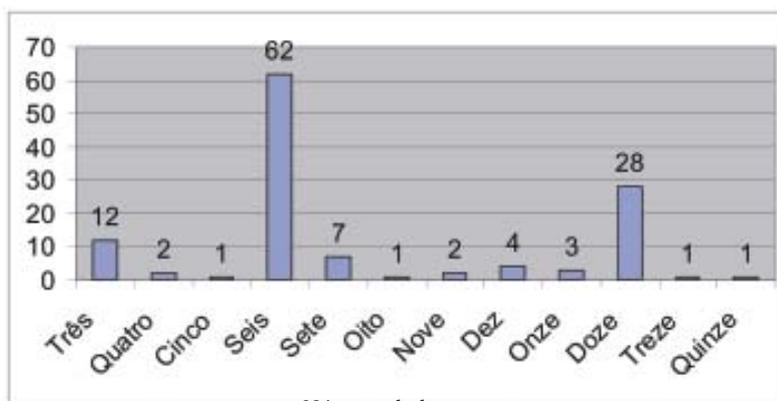


Fig.11 – Estela do subtipo III B.
(Foto IPM).



Fig.12 – Estela do subtipo III C.

GRÁFICO 2.- NÚMERO DE BRAÇOS DAS VARIANTES DA SUÁSTICA EXISTENTES EM LÁPIDES FUNERÁRIAS ROMANAS



Número de braços.

Alain Tranoy, num artigo apresentado em 1986, em V. N. de Gaia, mas publicado muito mais tarde,⁸ refere-se à importância numérica das lápides da região de Miranda do Douro e à influência que exerceram nas regiões de Zamora e Salamanca (TRANOY, 1988-1994).

⁸ Este artigo de Tranoy (1988-1994) foi publicado em *Gaya VI*, volume das Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro dedicado à Arqueologia, Epigrafia e História Antiga. Foi lançado apenas em 1996, por ocasião da 2ª edição do mesmo Congresso, dez anos depois da sua apresentação, apesar da data de edição ser diferente. Quer isto dizer que, quando a comunicação de aquele investigador foi finalmente publicada, já se encontrava completamente desactualizada, tendo sido, entretanto, descobertas diversas lápides novas, não mencionadas por Tranoy, que é completamente alheio à demora na publicação das referidas actas.

Este investigador, num trabalho anterior, já tinha abordado a originalidade decorativa das estelas Mirandesas, denominando-as de tipo «Picote», caracterizando-se por terem peanha, esquadros, meias esferas, e, por vezes, representações zoomórficas, considerando a margem norte do Douro como o centro produtor, «autour des villages de Picote, Aldeia Nova ou Duas Igrejas» (TRANOY, 1991: 349).

Todavia, no estado actual dos conhecimentos, se tal tipologia se pode aceitar relativamente à iconografia das lápides, o mesmo não se passa quanto à ideia da região daquelas aldeias como centro de influência até terras tão distantes como Zamora e Salamanca. Verifica-se que na primeira destas províncias castelhanas as estelas não apresentam peanha, exceptuando um caso de Rosino de Vidriales (ABÁSOLO e GARCÍA ROSAS, 1990), nem meias esferas, nem representações zoomórficas, consideradas por Tranoy como identificadoras do tipo Picote. O mesmo acontece em Salamanca, quer com as estelas expostas no seu Museu Provincial, quer com a excelente colecção de Yecla de Yeltes, patente ao público em Yecla la Vieja. É certo que muitas destas lápides apresentam suástica, sendo, esta, outra característica realçada por Tranoy a propósito do tipo «Picote». Contudo, o símbolo geralmente utilizado em Zamora corresponde ao nosso tipo III A, cujo centro de produção foi Villalcampo (ABÁSOLO e GARCÍA ROSAS, 1990), aparecendo lápides desta tipologia por exemplo em Picote, Sanhoane e em Castro de Avelãs.

Por outro lado, existem diversas lápides com o tipo «Picote» em outras regiões, como o concelho de Mogadouro com nove exemplos, a freguesia de Nogueira (Bragança), com quatro e as freguesias de Angueira (dois casos) e de Santulhão (um caso), ambas no concelho de Vimioso, tendo muitas destas estelas aparecido depois dos artigos de Tranoy serem escritos. Deste modo, ou o centro de produção destas lápides, localizado por A. Tranoy à volta de Picote, Aldeia Nova e Duas Igrejas, era um grande produtor e tinha capacidade de exportar peças para outras regiões, ou então haveria outros centros produtores, afastados, que utilizavam uma iconografia idêntica. Nesta linha de ideias e relativamente às lápides da região dos Vetões, englobando exemplares das Províncias de Salamanca, Ávila e Cáceres, C. Bonnaud (2005) considera imprudente supor que elas vêm todas de um único centro de produção.

A existência de vários centros produtores utilizando iconografia semelhante seria, certamente, o resultado da presença de «artistas» itinerantes, como já foi proposto, por alguns autores, para peças castrejas como a decoração arquitectónica e a escultura dos guerreiros galaico-lusitanos (COIMBRA, 2007). Assim, uma vez que as estelas transmontanas são, de modo geral, de indivíduos indígenas e utilizam símbolos tradicionais, parece ser mais coerente esta nossa proposta ao invés de um centro produtor localizado naquelas pequenas povoações do concelho de Miranda do Douro com capacidade de exportação para regiões distantes como Zamora e Salamanca. Isso explicaria também a existência de estelas tipo Villalcampo em zonas afastadas desse centro produtor como Castro de Avelãs e Sanhoane.

4 – ALGUNS ASPECTOS DO CULTO FUNERÁRIO ROMANO

Antes de passar à interpretação propriamente dita das suásticas existentes nas lápides funerárias, torna-se ainda necessário analisar alguns aspectos do culto funerário romano que foram adoptados pelas populações que produziram estas estelas. Isso é indispensável para uma boa compreensão daquele símbolo, que é assim efectuada de modo contextual. De facto, as suásticas presentes em contexto funerário devem ser estudadas essencialmente nesse âmbito.

De modo geral, em qualquer época e lugar, o culto funerário está sempre associado a crenças e ideias religiosas. Durante o Período Romano, entre a grande maioria das pessoas, persistiu e prevaleceu a convicção de que uma espécie de existência consciente era reservada para a alma após a morte, tratando-se de uma crença antiga e profundamente enraizada, datável já do tempo dos etruscos (TOYNBEE, 1971). A mesma convicção existia entre as populações célticas, que acreditavam que a morte não era o fim de tudo. De acordo com Miranda Green, «all types of evidence – that of the Classical writers, the vernacular mythology and archaeology – point to a strong Celtic belief in an afterlife. The Gaulish druids thought that the soul was immortal, and there existed the concept of the transmigration of souls. The presence of Iron Age graves filled with food, drink and other equipment attests to the belief that the deceased would have need of possessions in the next world» (GREEN, 1992: 166-167).

O conhecimento de que os druidas gauleses promoviam a ideia da transmigração das almas é veiculado por *César* (Guerra das Gálias, VI, 14). *Lucano* (Pharsalia I, 446ff), refere que os celtas encaravam a morte apenas como uma ponte entre uma vida e outra. *Diodoro Sículo* (V, 28, 6) indica que este povo considerava a alma humana imortal e que, depois de um certo número de anos, as pessoas tinham outra vida, passando as suas almas para outro corpo (GREEN, 1992). Curiosamente, trata-se de uma crença semelhante às ideias de vida além-túmulo propostas por *Vergílio* (*Eneida*, VI).

Em Roma, do início aos meados da República, os mortos eram considerados como uma coletividade, com características divinas e merecedores de veneração como antepassados, mas sem individualidade própria, vindo daí a ideia de considerar os defuntos como Deuses Manes. Estas informações são veiculadas principalmente através das descrições que *Ovídio* faz dos *Fasti* – festividades tradicionais dos mortos – e dos escritos de *Plauto* (c. 250-184 a.C.). Para os romanos mais antigos, como escreveu G. Gianelli, «el alma libre del cuerpo revestia una naturaleza divina. Cicerón dirá: *deum te igitur scito eses* (sabe por tanto que eres un dios)» (GIANELLI, 1969: 183).

A partir do séc. I a.C., multiplicam-se as evidências escritas e arqueológicas sobre a crença dos romanos na vida após a morte,⁹ começando a desenvolver-se a ideia de que os defuntos têm individualidade própria e que a sua situação além-túmulo, boa ou má, estava dependente da conduta e obras neste mundo. De acordo com C. Bonnaud (2005), a crença segundo a qual os defuntos alcançavam uma outra vida estava generalizada na Península Ibérica antes e após a chegada dos romanos, sendo confirmada pela presença de espólio funerário na proximidade imediata dos restos humanos. No Mundo Romano existia também a crença que os espíritos dos mortos podiam assombrar as moradas dos vivos e que eles se poderiam vingar caso não lhes fossem rendidas as devidas homenagens.¹⁰ Assim, para

⁹ Um exemplo muito interessante é transmitido por Plínio-o-Velho. De acordo com o autor, no decorrer dos jogos organizados por Augusto em honra de *Vénus Génitrix* surgiu um cometa, visível durante sete dias, que, de acordo com a crença geral, anunciava que a alma de César era recebida entre as potências divinas imortais. (PLÍNIO, 1951).

¹⁰ A este propósito, P. Lavedan conta um caso recolhido por Plínio o Jovem, relativamente a uma casa de Atenas assombrada durante a noite por um fantasma. Diz o autor que «le philosophe Athénodore, qui avait acheté la maison, eut le courage de suivre le spectre. Le fantôme marchait d' un pas lent... Arrivé dans la cour, il s' évanouit tout a coup... Athénodore entasse des herbes et des feuilles pour reconnaître le lieu où il a disparu. Le lendemain il va trouver les magistrats et leur conseille de faire fouiller en cet endroit. On y trouva des ossements enlacés dans des chaines. On les rassembla, on les ensevelit publiquement et, après ces derniers devoirs, le mort ne troubla plus le repos de la maison» (LAVEDAN, 1931: 658).

que os mortos fiquem satisfeitos torna-se necessário dar-lhes uma sepultura ritual e continuar a honrá-los. Deste modo, após o funeral celebrava-se o *novendiale*, período de grande luto iniciado por uma refeição fúnebre, em honra do morto, que terminava, nove dias depois, com um sacrifício e outra refeição do mesmo tipo. Todos os anos, entre 13 e 21 de Fevereiro, celebravam-se os *Feralia*, que consistiam em libações, sacrifícios e refeições oferecidas pelos familiares aos seus mortos (LAVEDAN, 1931).

De acordo com Steve Mithen, «muchas sociedades creen que el componente inmaterial de una persona puede sobrevivir después de su muerte y seguir presente como un ser que posee creencias y deseos» (MITHEN, 1998a: 189). Daí, as oferendas diversas que se verificam nas sepulturas de inúmeras sociedades, ao longo dos tempos, com a preocupação de manter os mortos satisfeitos para não virem atormentar os vivos.

Relativamente à Península Ibérica, a crença na imortalidade da alma e num destino astral dos mortos é já apontada, para os celtiberos, por *Sílio Itálico* (*Pun.*, 3, 340-343). Os romanos possuíam também estas concepções escatológicas mas, relativamente à localização do mundo dos defuntos, as opiniões eram várias: para alguns, o morto residia na própria sepultura, pelo menos temporariamente;¹¹ outros situavam as moradias alémtúmulo na lua ou nas estrelas;¹² outros, ainda, colocavam o destino das almas nas Ilhas dos Bem Aventurados, local paradisíaco em que os celtas também acreditavam. De facto, de acordo com W. Kruta, «le sort le plus enviable qui pouvait échoir à un ancien Celte était d' être admis parmi ceux qui atteignaient, après avoir quitté ce monde, les Iles bienheureuses, séjour paradisiaque d' où étaient bannies la tristesse, la maladie et la mort et où une musique enchanteresse accompagnait le festin sans fin qui réunissait dans la paix et l' harmonie les braves et leurs belles compagnes, au milieu d' arbres chargés de fleurs parfumées et de fruits succulents» (KRUTA, 1985 : 117).

Na Grécia, para os pitagóricos, as Ilhas dos Bem Aventurados são o sol e a lua (CUMONT, 1942). Macrobio (Comentário ao Sonho de Cipião, I 11, 5) escreveu que «para unos las almas viven más allá de la luna, donde comienza el inmutable reino de la eternidad; para otros, en la esfera de las estrellas fijadas es donde se sitúan los Campos Elíseos» (MONTEAGUDO GARCIA, 1996: 34).

No Período Romano, todas as especulações à volta do mundo dos mortos baseiam-se em tradições indo-europeias, de origem muito antiga, que o situam na lua e no sol. De acordo com Belmonte Avilés, foi possivelmente graças às fases da lua, isto é, ao seu ciclo aparente de nascimento, morte e renascimento que «a Humanidade tomou consciência

¹¹ Será provavelmente por isso que em muitas lápides funerárias aparece escrito « que a terra te seja leve», e em outras até «tu que passas, rogo-te que digas, que a terra te seja leve». Muitos romanos acreditavam que o defunto continuava a viver sob a terra, tendo necessidades materiais como comida e bebida. É devido a esta crença que se realizavam as refeições fúnebres, sendo a primeira após o funeral denominada *silicernium*, comendo-se de ovos, legumes, sal, lentilhas, pão e carne de aves (LAVEDAN, 1931).

¹² Relativamente à crença de que os mortos viviam nos astros, J. Leite de Vasconcelos refere «um notável carne epigraphico, gravado numa lapide achada em Roma, no qual se conta que enquanto um individuo chora afflictivo a morte de seu neto, que lhe morrêra na flor dos annos, vê descer do ceu, numa madrugada, um jovem envolto em luz, mais encorpado que o neto, mas com o typo, a cor, e a voz d' elle. O brilhante fantasma pede-lhe que não chore, porque o que morreu para a terra, vive nos astros transformado em deus». (VASCONCELOS, 1913: 394). Esta crença está de acordo com a ideia existente já desde a República de que a alma livre do corpo adquire características divinas, transformando-se os defuntos em Deuses Manes.



Fig.13 – Fresco Etrusco onde se observa Hermes transportando a alma de uma mulher para o Outro Mundo. O carácter psicopompo deste deus surge em culturas diversas como a grega, a etrusca e a romana. (Segundo COPELAND, s/d)

das suas próprias possibilidades de sobrevivência e (...) daí surgiu a ideia da ressurreição dos mortos ou da alma» (BELMONTE AVILÉS, 1999: 36-37). E daí, talvez, a presença de crescentes lunares em inúmeras lápides romanas.

Mas, apesar das divergências acerca da localização do Outro Mundo, desde o final da República e através do Império, prevaleceu a ideia da sobrevivência da personalidade individual, após a morte, e as crenças relativas à natureza da vida além-túmulo eram bastante optimistas. Acreditava-se que ela seria até melhor e mais feliz do que na Terra, sob certas condições: ter levado uma vida útil, virtuosa e regrada no mundo terrestre; ter sido membro de um dos cultos misteriosos orientais ou ter aderido ao culto de um deus salvador como *Dionisus* (TOYNBEE, 1971). De acordo com A. Catelli, estas ideias são um reflexo do desenvolvimento dos mistérios órficos na Grécia, que vão atingir também as costas meridionais de Itália, sendo um dos exemplos mais interessantes os frescos da *Villa* dos Mistérios em Pompeia, que representam ritos de iniciação de carácter dionisíaco (CATELLI, s/d).

Em suma: verifica-se que na Península Ibérica, como em outras regiões do Mundo Romano, quer antes quer depois da conquista se acreditava numa vida além da vida, facto que se reflecte na iconografia de inúmeras estelas funerárias e que é indispensável compreender, e equacionar, para interpretar o simbolismo desses monumentos do modo mais coerente possível.

5 – INTERPRETAÇÃO CONTEXTUALIZADA

No território hoje português, a iconografia funerária romana é «exemplo de uma intrincada aculturação, em que se mesclam motivos icónicos do acervo indígena com outros de sabor alóctone» (REDENTOR, 2002: 237). Estes últimos são por exemplo, entre outros, as fórmulas *D (is) M (anibus)* e *S (it) T (ibi) T (erra) L (evis)*, sendo a representação da suástica uma tradição indígena já bastante enraizada.¹³

Para tentar interpretar a presença de aquele símbolo nas lápides funerárias, começamos por analisar a sua referida associação com *torques* e peanhas.

Já em 1920, o arqueólogo polaco E. Frankowsky divulgou a ideia de as estelas funerárias semicirculares serem uma representação estilizada do morto. Esta ideia foi combatida por alguns autores, nomeadamente por Aurélio R. Belo (1959) de uma forma demasiado violenta. Se algumas das teorias propostas por Frankowsky são discutíveis, esta ideia que propôs sobre as lápides funerárias merece uma análise ponderada.

Já referimos que diversos destes monumentos evidenciam representações de *torques*, nalguns casos mais realistas (Fig.3, Fig.5 e Fig.6) e em outros mais estilizados (Fig.4 e Fig.11). Ora, os *torques* são artefactos usados à volta do pescoço, isto é, muito próximo da cabeça. Acontece que as denominadas peanhas se assemelham bastante a cabeças, tendo uma parte mais estreita que corresponderia ao pescoço. Portanto, nos casos em que existem peanhas associadas a *torques*, elas poderão representar mesmo cabeças, sendo assim uma estilização do morto. Curiosamente, F. Sande Lemos (1993) chama suásticas antropomórficas aos exemplares que são executados sobre uma peanha. Refira-se também que no País Basco, região onde ainda hoje se utilizam suásticas em lápides funerárias, estas recebem denominações diversas, entre as quais a de *harri-gizona*, ou seja, «homens

¹³ Os povos proto-históricos da metade setentrional da Península Ibérica usaram profusamente, em artefactos diversos, suásticas com três, quatro e seis braços curvos, precisamente algumas das que surgem nas lápides e aras funerárias da mesma região.

de pedra» (V.V.A.A., 2001), remetendo assim para uma antropomorfização destes monumentos funerários. Para além disso, a estela de *Laboena*, proveniente de Pinhovel (Fig.1), exhibe incontestavelmente uma cabeça com um *torques* e um crescente, que poderá representar um colar do tipo lúnula. Trata-se aqui de uma inegável representação da defunta. Outras estelas provenientes de várias regiões, apesar de não terem suástica, apresentam, no topo, figuras humanas com um grau de estilização maior ou menor. No Museu de Alava (País Basco), existe uma estela com a representação de dois defuntos com uma estilização que lembra as peanhas existentes em algumas das estelas que estudámos (BALDEÓN e GARCÍA, 2000: 291).

Nos casos das lápides que apresentam uma suástica numa peanha associada a um *torques*, verifica-se que aquele símbolo se encontra sobre uma cabeça, que será uma representação do morto. Deste modo, a suástica está intimamente relacionada com o defunto, porque surge sobre uma parte do seu corpo, podendo ser um símbolo da sua divinização, isto é, da sua integração na colectividade dos Deuses Manes. Entretanto, torna-se necessário esclarecer que esta interpretação se deve apenas aplicar às suásticas que aparecem sobre peanhas semienvoltas por *torques*, não devendo ser generalizada para outros casos. De qualquer modo, as suásticas sobre peanha parecem remeter para uma antropomorfização da lápide funerária, independentemente da existência ou não de *torques*.

Para A. Redentor, esta jóia, que era usada por membros da sociedade com determinado estatuto social, surge «na iconografia funerária das estelas (...) numa alegoria à heroicização ou exaltação do defunto» (REDENTOR, 2002: 242).

Ainda relativamente à representação destes objectos em lápides funerárias, não podemos deixar de referir duas peças extraordinárias da Sala Museu de Arqueologia de Mogadouro, datadas da Idade do Ferro (?), ainda pouco estudadas devido ao ineditismo cultural e às problemáticas que levantam, que exibem indiscutivelmente imagens de *torques* (Fig.19).

E o que significam as suásticas existentes em outras lápides que não têm peanhas?

Em alguns exemplares, a suástica de braços curvos surge associada a crescentes lunares, dando a entender que se trata realmente de representações do sol e da lua, moradas das almas. Mas, nesse caso teremos provavelmente a suástica como símbolo do paraíso astral e não como imagem do sol-astro, facto que geralmente não é referido em diversos artigos, que atribuem ao símbolo que estudamos a vaga designação de «rodas solares».

Aqui podemos fazer um parêntesis e socorrer-nos de conceitos de Paleopsicologia preconizados por C. G. Jung, quando ele afirma que «un mot ou une image sont symboliques lorsqu'ils impliquent quelque chose de plus que leur sens évident et immédiat» (JUNG, 1964: 21). Na realidade, as suásticas presentes nas lápides funerárias parecem representar algo mais que a sua imagem imediata pode fazer crer, contendo um certo carácter apotropaico. Por outras palavras, elas não representam apenas o sol, como é vagamente apontado por alguns autores, mas reflectem ideias religiosas relacionadas com a vida ultra terrena. Este último conceito está na linha de pensamento de Sónia Garcia Martínez, quando refere que «las combinaciones de todos los motivos iconográficos aparecidos en las estelas funerárias (los animales, los astrales y los vegetales), testimoniam viejas creencias en la transmigration de las almas hacia las regiones siderales» (GARCÍA MARTÍNEZ, 2000: 99-100).

Relativamente às representações de berrões que se observam em diversas estelas transmontanas com suástica, a mesma autora indica que «cumplen una doble función de culto funerário, tanto en relación con el difunto como en el sentido de ser animal venerado, entendido como una divinidad de carácter psicopompo y ctónico» (IDEM, IBIDEM: 98).

Alguns autores (LEMOS, 1993; REDENTOR, 2003) têm relacionado as imagens zoomórficas com os defuntos, considerando-as suas representações. Assim, por exemplo, um javali seria a representação de um morto do sexo masculino, enquanto uma fêmea de cervídeo representaria o sexo oposto.

O carácter psicopompo referido observa-se também nas representações de cervídeos, que muitas mitologias proto-históricas consideram como um animal que realiza a viagem de ida e volta ao mundo dos mortos, uma vez que as suas hastes caem todos os Outonos, para depois se tornarem mais fortes nas Primaveras seguintes. O cervo é, portanto, um símbolo de eternidade e regeneração. Aqui não podemos deixar de referir a lápide dupla de *Próculo e Ata* (Fig.3), onde um veado com grandes hastes está associado a duas suásticas de seis braços semienvolvidas por *torques*.¹⁴ O animal, que alguns autores relacionam com cultos solares, aparece associado a outros dois «sóis», que são os hexásceles, que possivelmente representam a divinização dos defuntos, devido à sua associação com os *torques*, como já propusemos. É curioso verificar que esta lápide tem a fórmula *D(is) M(anibus)*, acreditando, quem a mandou fazer, na transformação dos mortos em Deuses Manes.

Em algumas lápides, a suástica associa-se também com motivos vegetais como a folha de hera (Fig.8 e Fig.14) e os ramos de teixo (Fig.15). A perenidade destas plantas suscitou entre os romanos a ideia de imortalidade, encerrando «un poder de renovación y de triunfo del alma sobre la muerte» (GARCÍA MARTÍNEZ, 2000: 99).

A análise iconográfica dos vários motivos que surgem nas estelas com suástica ajudam a compreender melhor o símbolo. De facto, como escreveu C. Renfrew, «iconographic representation is one of the most promising routes towards the detail of some belief systems. Interpretations may often be difficult but, in some cases, we may be able to detect reference to what may be recurrent (although not, of course, universal) themes across cultures» (RENFREW, 1994: 49). É o que

¹⁴ Obviamente, nesta lápide, o veado está relacionado com *Próculo*, do sexo masculino e com vinte anos. O epitáfio da outra defunta – *Ata* – não tem indicação de idade, tratando-se talvez de um bebé de apenas alguns meses, mas mesmo assim merecedor de uma memória.



Fig.14 – Lápide com hexásceles e hedera (Segundo ALVES, 1934).



Fig.15 – Trísceles ladeado por ramos de teixo e sobreposto por crescente lunar.

acontece com o motivo que analisamos de seguida, que não se pode deixar de ter em conta na interpretação das lápides funerárias romanas.

Já vimos, mais atrás, que inúmeras estelas apresentam elementos que designámos por «portas». De acordo com Leite de Vasconcelos, «em toda a antiguidade grega, etrusca e romana foi costume figurar portas em lápides e estelas funerárias, para se representar a passagem das almas por ellas para o outro mundo» (VASCONCELOS, 1913: 436). Trata-se, portanto, como refere C. Renfrew, de um tema recorrente através de culturas diversas. Autores como A. R. Belo (1959), Rodriguez Colmenero (1987) e F. Sande Lemos (1993), entre outros, partilham da opinião de Leite de Vasconcelos, chamando a estes motivos «portas fúnebres» e «portas de *Hades*». Mais recentemente, J. Cardim Ribeiro (2002a) e Carla A. Fernandes (2002) advogam também a ideia de que os motivos em questão são uma representação das «portas do além».

Por outro lado, alguns autores, entre os quais A. M. Mourinho (1986), são de opinião que as cavidades rectangulares que existem no registo inferior de diversas lápides não são portas, mas representam antes o defunto. Mas esta interpretação parece-nos pouco coerente, pois em estelas pertencentes a um único indivíduo surgem dois, três ou até quatro exemplos desses motivos, aparecendo na lápide de S. Eulália de Espenuca (Coirós, A Coruña) oito casos, que dificilmente correspondem a oito defuntos. Francisco M. Alves (1934) também considerou estas cavidades como representações humanas estilizadas, não do defunto mas sim de acompanhantes como mulheres e servos, baseando-se numa cena representada na estela de *Frontão*, que reproduzimos na Fig.9, onde se observam duas personagens segurando um grande vaso. Todavia, trata-se de uma interpretação plena de subjectividade e sem seguidores.

Mais recentemente, Armando Redentor admite a possibilidade de estas «portas» representarem uma arcaria honorífica, testemunhando «uma transposição do conceito de arco honorífico enquanto monumento. Ou seja, a inclusão desses motivos decorativos nas estelas funerárias, já por si monumentos de memória, significaria a transposição da monumentalidade específica de que goza aquela construção. De facto, o arco honorífico, enquanto estrutura que materializa uma passagem, foi assumindo (...) papéis simbólicos diversos: se, inicialmente, serviu para a realização de rituais, de valor sagrado e apotropaico, tornou-se, no início do Império, num importante instrumento plástico para enaltecer e divinizar uma personagem» (REDENTOR, 2002: 240).

Esta interpretação, que conduz em última análise ao enaltecimento e divinização de uma personagem, parece-nos coerente com a ideia, também subjacente ao culto funerário romano, da transformação dos defuntos em Deuses Manes. Ainda para o mesmo

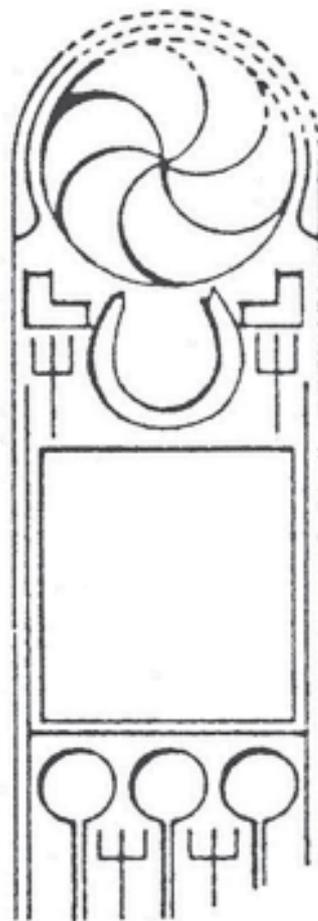


Fig.16 – Estela com tridentes.
(segundo REDENTOR, 2002).

investigador, a função de passagem do arco honorífico associa-se, nas lápides funerárias, «à expressão da *viagem* para um destino extraterreno» (IDEM, IBIDEM). De qualquer modo, essa função de «passagem» encontra-se também presente na interpretação como portas fúnebres das cavidades que surgem no registo inferior de inúmeras lápides, relacionando-se ainda com o caso que analisamos de seguida.

Uma das estelas de Donai (Concelho de Bragança) apresenta um motivo que se torna curioso numa lápide funerária. Abaixo da suástica surgem dois tridentes que ladeiam um motivo em «U» fechado, que poderá ser a representação de um colar, aparecendo mais dois exemplares no registo inferior, junto às «portas» (Fig. 16). O tridente surge frequentemente em mosaicos romanos com carácter profilático, quer protegendo a entrada de compartimentos, quer como defesa contra o «mau-olhado». Qual será o seu significado nesta estela?

Sabe-se que os romanos eram muito supersticiosos, dispondo de uma variadíssima série de amuletos e símbolos protectores e que apesar de respeitarem os mortos também os temiam (PONTE, 2002). Será aqui o tridente protecção para a viagem do defunto até ao outro mundo, ou, ao invés, um símbolo protector para que ele fique por lá e não venha atormentar os vivos? De facto, é muito curiosa e sugestiva a colocação de dois tridentes junto das «portas do além» nesta peça de Donai. Para além disso, existe em Rebordãos, concelho de Bragança, uma estela em que a suástica é mesmo substituída por um tridente sobre um crescente (LOPO, 1987: 42; REDENTOR, 2002: 72-73; Est. VI-24).¹⁵

Este caso remete para outra possível interpretação da suástica nas lápides funerárias – a de amuleto e protecção para a viagem do defunto. Se tivermos em conta que este símbolo já era utilizado em tempos pré-romanos com carácter apotropaico e profilático, esta nova possibilidade interpretativa deve ser no mínimo equacionada. Mas para isso torna-se necessário um parêntesis e recorrer à inspiração metodológica da arqueologia cognitiva processual. Assim, de acordo com Colin Renfrew, «any attempt to encompass the archaeology of mind must inevitably consider the archaeological approach towards religion» (RENFREW, 1994: 47). Por outras palavras, para se compreender o pensamento simbólico de épocas remotas, deve-se recorrer a uma abordagem arqueológica da religião, acrescentamos, até, da mitologia.

Tendo em conta que as populações indígenas que utilizam as lápides com suástica adoptaram ideias romanas como a consagração aos Deuses Manes, é legítimo supor que também terão sido influenciadas por outros aspectos de carácter mitológico como o do barqueiro *Caronte* e a travessia do rio *Styx*. De facto, têm sido encontradas, na Península Ibérica, diversas sepulturas romanas em que o cadáver tem consigo a moeda para pagar a referida travessia, após a qual as almas eram conduzidas por *Hermes* (Mercúrio) até ao tribunal que as julgava segundo as suas boas ou más acções.

A *Eneida* de *Vergílio* (Livro VI) dá informações acerca de *Caronte*, descrevendo-o como um barqueiro horrendo, de terrível sujidade, com uma barba abundante e mal tratada caindo-lhe do queixo. Assim, todas as vicissitudes da viagem para o outro mundo, desde a travessia até ao julgamento em tribunal, podem ter levado à necessidade da utilização de um forte símbolo protector e daí talvez a presença da suástica nas lápides funerárias.

¹⁵ Em Portugal existem outros exemplos de lápides com tridentes, como acontece com uma estela de Donai onde surge uma figura humana, no topo, com um tridente por baixo. Outra lápide do mesmo sítio apresenta um tridente abaixo do campo epigráfico, ladeado por dois «esquadros» (REDENTOR, 2002: Est. XXI-83; Est. XXII-85). Na região de Cárquere, Viseu, surgem diversas estelas com tridentes mas colocados lateralmente (IDEM, IBIDEM: 242). Em 1999 vimos uma lápide romana no Museu Britânico que apresentava no registo superior um tridente associado a golfinhos.

Deve-se acrescentar que a presença de motivos profiláticos em túmulos se verifica mesmo em plena Idade Média, como por exemplo numa tampa de sepultura proveniente de Pedralva (Braga) onde se observa uma cruz templária, um trísceles e um pentagrama (COIMBRA e MARTINS, 1987: 14; Fig.9-10), e também num sarcófago medieval proveniente de Urgeses (Guimarães), com uma cruz gamada no topo exterior, ao nível da cabeça do defunto, entre outros exemplos.¹⁶ Estes símbolos «pagãos», utilizados numa época em que o Cristianismo tinha uma implantação tão forte, levam a pensar que existia em algumas mentes a necessidade de protecção para a viagem para o outro mundo, e daí a presença de suásticas e pentagramas em lápides e túmulos medievais. Daqui se pode deduzir que, vários séculos antes, no Período Romano, a necessidade de símbolos protectores nas sepulturas seria também um facto.

A presença da suástica em lápides funerárias chega, embora com muitas lacunas, aos dias de hoje. Por exemplo, surge com nove braços curvos numa estela medieval de Alcozar, Sória (HERAS FERNÁNDEZ, 1994: 567; 577) e aparece com a forma de cruz gamada numa lápide da Idade Moderna conservada no Museu Municipal de Loures. No séc. XVIII, existem diversos casos de suásticas com quatro braços curvos, de tipo *lau-buru*¹⁷, em lápides do País Basco francês, continuando actualmente os Bascos a utilizar este símbolo nos seus epitáfios (Fig.17 e Fig.18). Estas estelas são localmente denominadas *ilarri* (pedra de defuntos) e em alguns sítios *ilargi* (luz dos mortos), sendo ainda hoje «símbolo, sujeto y soporte de un mundo de creencias y de una actitud humana vinculada a un ideal que trasciende esta vida terrena» (V.V.A.A., 2001: 11).

De facto, para além da sobrevivência da suástica em lápides funerárias, as velhas crenças do Período Greco-Romano sobrevivem também ainda hoje, intensamente, nos meios rurais do Noroeste Peninsular. López Cuevillas dá-nos testemunho disso, quando escreveu: «pocas creencias habrá tan enraizadas en el noroeste peninsular, como la creencia en la inmortalidad de la alma. Pocos cultos que estén tan hondamente metidos en la entraña popular, como el culto de los muertos» (citado por MONTEAGUDO GARCIA, 1996: 37).



Fig.17 – Estela recente com trísceles. (Foto de Leo Dubal)



Fig.18 – Estela de 1983 com Lau-buru. (Foto de Leo Dubal).

¹⁶ Estes exemplares provenientes de Pedralva e de Urgeses encontram-se depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães. Relativamente a outros casos de símbolos protectores em sepulturas medievais portuguesas, deve referir-se que existem inúmeras lápides e alguns túmulos que apresentam pentalfas. Exemplos das primeiras podem observar-se, entre outros, no Convento de Cristo (Tomar), no Museu Municipal de Torres Vedras e no Museu Arqueológico de Barcelos. Esta última instituição guarda ainda um belo sarcófago medieval onde se observam diversos pentalfas.

¹⁷ O *lau-buru* (quatro cabeças), é um tipo de suástica com os braços engrossados nas extremidades e estreitos no interior (Fig.18).

CONCLUSÃO

A presença de suásticas em lápides funerárias romanas pode não ter um significado único como muitas vezes tem sido sugerido. De acordo com pressupostos teóricos de arqueologia processual que orientaram este artigo, «uno de los fundamentos do método científico es que es el observador, el investigador, quien ha de proporcionar la interpretación. Y el científico sabe que pueden existir varias interpretaciones alternativas que deben ser evaluadas, si es necesario entre sí, mediante procedimientos explícitos de comprobación o contrastación con datos recientes» (RENFREW e BAHN, 1993: 356). De facto, verificou-se que é possível a existência de significados múltiplos para aquele símbolo:

Por um lado, as suásticas de braços curvos presentes nas estelas assemelham-se na realidade a representações do sol com os seus raios, sendo por vezes denominadas «suásticas flamejantes» (VASCONCELOS, 1913; CARDOZO, 1980). Em alguns exemplos existe até um pequeno círculo central de onde partem os braços do símbolo, dando a ideia de uma imagem solar. Em outros casos estas suásticas associam-se mesmo a crescentes lunares, tornando, à primeira vista, coerente a interpretação das mesmas como um símbolo do astro-rei. Todavia, elas poderão ser uma representação do sol como morada dos mortos, como já referimos atrás, e não a imagem do «sol astro».

Por outro lado, algumas suásticas poderão ser um amuleto para a viagem para o Outro Mundo, como parece acontecer na estela de Donai que mencionámos atrás, em virtude da sua associação com tridentes. Convém referir aqui que, na Idade do Ferro, suásticas com o mesmo tipo das que surgem nas lápides de Período Romano eram utilizadas em cinturões de guerreiros como símbolos profiláticos e de protecção na guerra.

Por último, em alguns casos, elas poderiam ser um símbolo da divinização dos defuntos, isto é, da sua transformação em Deuses Manes, nomeadamente nos exemplares que surgem sobre peanhas semienvolvidas em *torques*.¹⁸ Aqui torna-se importante recordar o que referimos mais atrás sobre as crenças dos romanos no tempo da República, segundo as quais a alma livre do corpo revestia uma natureza divina (GIANELLI, 1969).

Seja como for, estas estelas são dedicadas a defuntos de origem indígena, continuando-se assim a utilizar, de modo apotropaico ou profilático, um símbolo que já era bem conhecido na Idade do Ferro.

Entretanto deve-se referir que o simbolismo da suástica, ainda que relativo apenas ao Período Romano, não pode ser abordado em poucas linhas, necessitando de uma metodologia de trabalho e de um largo estudo analítico e comparativo conduzindo a uma interpretação contextualizada que se tornam impraticáveis num artigo de revista. Por outro lado, torna-se imprescindível consultar bibliografia específica sobre este motivo anteriormente àquele período cronológico, para se compreender a sua origem, possível significado inicial e permanências e/ou alterações de simbolismo ao longo dos tempos, referências que aqui não indicamos por serem muito extensas.¹⁹

¹⁸ Na Idade do Ferro, os *torques* adquirem um significado simbólico-religioso, sendo em alguns casos identificados com divindades. Curiosamente certos exemplos apresentam suásticas (COIMBRA, 2007). Os próprios romanos relacionaram estes artefactos com os seus deuses, como acontece num relevo do Museu de Reims, onde o deus celta *Cernunnos* se transforma no *Mercúrio* romano, aparecendo acompanhado da deusa *Epona*, que segura na mão esquerda um *torques* (PRIETO MOLINA, 1996).

¹⁹ Todavia, uma bibliografia exaustiva e um estudo mais aprofundado do assunto encontram-se disponíveis em COIMBRA, 2007.



Fig.19 – Lápides funerárias (?) da Idade do Ferro com representações de torques.

Quer para o homem do Período Romano, quer para o de hoje, a morte é uma preocupação e uma inquietude, fazendo-o reflectir sobre a vida. Assim, terminamos este artigo sobre lápides funerárias com umas palavras profundas que recolhemos de um texto da autoria de José d' Encarnação e Guilherme Cardoso, parte integrante da exposição *A presença romana em Cascais*, patente ao público há tempos no Museu Nacional de Arqueologia e que servem também de motivo de reflexão e de encerramento:

Seguro da efemeridade da vida, ciente de porquês sem resposta natural, lançou o Homem um olhar para além do mar sem fim, onde, pelas tardes mornas ou tempestuosas, inexplicavelmente mergulhava o astro-rei... Havia, sem dúvida, um Além!

ABREVIATURAS

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
 FRAH – Fundación Rey Afonso Henriques.
 GHAVNG – Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia.
 IAFLUC – Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
 IEZFDO – Instituto de Estudios Zamoranos Florian de Ocampo.
 IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico.
 LAC – Liga de Amigos de Conimbriga.
 MMDSR – Museu Municipal Dr. Santos Rocha.
 PSANA – Publicaciones del Seminario de Arqueologia y Numismática Aragonesas.
 SMS – Sociedade Martins Sarmento.
 SPAE – Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
 UAUM – Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BIBLIOGRAFIA

- ABÁSULO, J. A. e GARCÍA ROSAS, R. (1990) – Sobre las estelas zamoranas y su ornamentación. I Congreso de Historia de Zamora, tomo II. IEZFDO, Zamora: 545-560.
- AFONSO, B. (1985) – Uma notícia arqueológica. Mais estelas funerárias. *Brigantia*, V (2-4). Assembleia Distrital, Bragança: 695-701.
- AFONSO, B. (1986) – Mais estelas funerárias em Donai. *Brigantia*, VI (4). Assembleia Distrital, Bragança: 484-486.
- AFONSO, B. (1989) – A Romanização de Trás-os-Montes. Estelas funerárias em Meixedo (Bragança) e Angueira (Vimioso). *Brigantia*, IX (2). Assembleia Distrital, Bragança: 213-222.
- AFONSO, B. (1990) – Vestígios arqueológicos do passado. *Brigantia*, X (4). Assembleia Distrital, Bragança: 211-214.
- AFONSO, B. (1996) – Achado arqueológico em Angueira. Estela funerária. *Brigantia*, XVI (3-4). Assembleia Distrital, Bragança: 177-178.
- AFONSO, B. (2000) – Estela funerária de Pinelo. *Brigantia*, XX (3-4). Assembleia Distrital, Bragança: 169-170.
- ALMEIDA, J. M. de e FERREIRA, F. B. (1966) – Varia Epigraphica. *Revista de Guimarães*, LXXVI (3-4). SMS. Guimarães: 343-351.
- ALVES, F. M. (1909) – Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança, Tomo I. Tip. Guedes, Porto: 353.
- ALVES, F. M. (1910) – Epigraphia bragançana. *O Arqueólogo Português*, XV. Museu Etnológico Português, Lisboa: 1-5.
- ALVES, F. M. (1929) – Epigraphia bragançana. *O Arqueólogo Português*, XXVII. Museu Etnológico Português, Lisboa: 21-22.
- ALVES, F. M. (1934) – Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança, Tomo IX. Tip. Guedes, Porto: 23-89; 110-111; 166; 445; 460; 501.
- ALVES, F. M. (1938) – Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança, Tomo X. Tip. Guedes, Porto: 56-57; 604-607; 762; 815; 820.
- ALVES, F. M. (1948) – Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança, Tomo XI. Tip. Guedes, Porto: 430-433; 592-593; 601-603; 672-673.
- BALDEÓN, A. e GARCÍA, E. (2000) – La Romanización en Álava. Diputación Foral de Álava: 291.
- BAÑOS RODRIGUEZ, G. (1994) – Corpus de Inscripciones Romanas de Galicia. II – Provincia de Pontevedra. Santiago de Compostela: 173.
- BELMONTE AVILÉS, J. A. (1999) – As Leis do Céu. Astronomia e Civilizações Antigas. Mareantes Editores, Lisboa: 11-134; 169-287.
- BELO, A.R. (1959) – Símbolos astrais das lápides luso-romanas. *Estremadura, Série II, nº XIV-XIX*. Junta de Província, Lisboa: 5-15; 46-51.
- BONNAUD, C. (2005) – Les Vetttons et la Mort. *Conimbriga*, XLIV. IAFLUC, Coimbra: 25-68.
- BRANDÃO, D. P. (1959) – Estelas funerárias luso-romanas com inscrições latinas no Museu Municipal de Vila Flor. *Humanitas, Nova Série, VIII*. Instituto de Estudos Clássicos. FLUC, Coimbra: 37-44.
- CAMPOS, N. (2001) – Coleções do Museu do Ferro & da região de Moncorvo: a colecção epigráfica-

- elementos para o seu estudo. Relatório da Disciplina de Coleções Museológicas do Curso de Pós-Graduação em Museologia (Policopiado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 24-27.
- CARDOZO, M. (1943) – Algumas inscrições lusitano-romanas da região de Chaves. Câmara Municipal de Chaves: 27.
- CARDOZO, M. (1980) – Especímenes de Suásticas do Museu Arqueológico de «Martins Sarmento» em Guimarães (Portugal). Companhia Editora do Minho. Barcelos: 3-24.
- CARDOZO, M. (1985) – Catálogo do Museu de Martins Sarmento. Secção de Epigrafia Latina e de Escultura Antiga (3ª edição). SMS, Guimarães: 24; 94-98; 153; 204-205.
- CASTILLO, A. del (1949) – De la Espenuca. *Anuario Brigantino*, 1. Betanzos: s/pp.
- CATELLI, A. (s/d) – L' aldilà e le sue divinità. <http://web.tiscali.it/acetelli/saggi.html>
- COIMBRA, F. A. (1994) – Simbologia e Arqueologia (A Suástica). *Simbólica, número único*. Ateneu Comercial do Porto, Porto: 124-126.
- COIMBRA, F. A. (1999a) – A Swastika durante a Idade do Ferro na Faixa Ocidental Atlântica da Península Ibérica: uma nova proposta de interpretação, in Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular. Universidade de Alcalá/FRAH. Zamora: 365-373.
- COIMBRA, F. A. (1999b) – Algumas considerações sobre a Arqueologia da Suástica, in Centenário da Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910. MMDSR, Figueira da Foz: 81-92.
- COIMBRA, F.A. (2007) – A suástica em Portugal e na Galiza, desde a Idade do Bronze ao fim do Período Romano: problemática da origem e da interpretação (policopiado). Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Salamanca e à Universidade Autónoma de Lisboa.
- COIMBRA, F. A. e MARTINS, P. J. (1997) – A Suástica e suas variantes no Norte de Portugal, desde a Pré-História até a Actualidade. Catálogo da Exposição. SMS, Guimarães: 3-37.
- COPELAND, M. (s/d) – Etruscan murals. www.maravot.cm/Etruscan_Murals.html
- CUMONT, F. (1923) – After life in Roman Paganism. Yale University Press, New Haven: 1-20.
- CUMONT, F. (1929) – Les Religions Orientales dans le Paganisme Romaine. Librairie Orientaliste Paul Guethner, Paris: 200-204.
- CUMONT, F. (1942) – Recherches sur le symbolisme funéraire des romains. Librairie Orientaliste Paul Geuthner. Paris : 177-203 ; 234-239.
- ENCARNAÇÃO, J. de (1997) – O sagrado e a sacralização dos espaços: ritos, mitos e a memória da morte, in 90 séculos entre a serra e o mar. IPPAR, Lisboa: 425-427.
- ENCARNAÇÃO, J. de e CARDOSO, G. (2005) – A presença romana em Cascais: um território da Lusitânia ocidental (Catálogo da Exposição). Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 22-25.
- FERGUSON, J. (1970) – The religions of the Roman Empire. Thames and Hudson, London: 32-64.
- FERNANDES, C.A. (2002) – Estela actualmente anepígrafa, in Religiões da Lusitânia. *Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 559.
- FERREIRA, A. P. (1996) – As saudações do Além entre os Romanos. *Conimbriga*, 35. IAFLUC, Coimbra: 107-127.
- FORTES, J. (1905-1908) – Notícias epigraphicas. *Portugalia II*, Porto: 479-480.
- FRANKOWSKY, E. (1920) – Estelas discoideas de la Peninsula Ibérica (Ed. Facsímile). Colegio Universitario de Ediciones Istmo, Madrid: 60-64; 147-156; 175-178; 183-187.
- GARCÍA MARTÍNEZ, S. M. (2000) – La iconografía animal en el mundo de ultratumba de los Zoelas. *Brigantia*, XX (1-2). Assembleia Distrital, Bragança: 169-170.
- GIANNELLI, G. (1969) – La religión, los ritos y los sacerdotes, in Todo sobre Roma Antigua. Ediciones Grijalbo, S.A. Barcelona: 175-192.
- GÓMEZ-TABANERA, J. M. (1989) – Estelas discoideas del Noroeste (Astúrias y Galicia), in Estelas discoideas de la Peninsula Ibérica. Colégio Universitário de Ediciones Istmo, Madrid: 492-505.
- GRAU, L. A. (1992) – Museo de Leon. Guia breve por el Lapidario del Claustro. Junta de Castilla y Leon, Leon: 1-24.
- GREEN, M. (1992) – *Death; Feast; Otherworld; Rebirth; Sun/ Sun-god; Swastika; Torc; Transmigration of souls*, in Dictionary of Celtic Myth and Legend. Thames and Hudson, London: 77-78; 95-96; 166-168; 175; 202-204; 211-212.
- GUIMARÃES, O. (1901) – Catálogo do Museu Archeológico. *Revista de Guimarães*, XVIII. SMS, Porto: 53; 65-66.
- HERAS FERNÁNDEZ, E. (1994) – Estelas medievales de la Provincia de Soria III. Actas do V Congresso Internacional de Estelas Funerárias. Diputación Provincial de Soria: 567.
- JUNG, C. G. (1964) – Essai d' Exploration de l' Inconscient, in L' Homme et ses Symboles, dir. de Carl Gustav Jung. R. Laffont, Paris: 18-31.

- KRUTA, V. (1985) – Les Celtes en Occident. Éditions Atlas, Paris : 101-117.
- LAVEDAN, P. (1931) – *Manes ; Mort ; Purification*, in Dictionnaire illustré de La mythologie et des antiquités grecques et romaines. Librairie Hachette, Paris : 615-617; 657-664 ; 816.
- LE MOS, F. S. (1993) – Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental. Dissertação de Doutoramento (Policopiada). Universidade do Minho, Braga: 204-205; 220-222; 234-237; 267; 294-302; 320; 471-479; 519-520; 529-530.
- LE MOS, F.S. (1995) – Zoelas e *Civitas Zoelarum*: uma unidade étnica no quadro da Romanização do Noroeste. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. VI. SPAE, Porto: 295-310.
- LE ROUX, P. e TRANOY, A. (1984) – L' épigraphie du Nord du Portugal: bilan et perspectives. *Conimbriga, XXIII*. IAFLUC, Coimbra: 19-27; 37-41.
- LOPO, A. P. (1897) – Lápide romana. *O Arqueólogo Português, III*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 192.
- LOPO, A. P. (1900) – Picote (Miranda-do-Douro). *O Arqueólogo Português, V*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 143-145.
- LOPO, A. P. (1901) – Museu Municipal de Bragança. *O Arqueólogo Português, VI*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 95-98.
- LOPO, A. P. (1903) – Archeologia do districto de Bragança. *O Arqueólogo Português, VIII*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 250-255.
- LOPO, A. P. (1906) – Vestígios romanos em Bragança. *O Arqueólogo Português XI*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 83-84.
- LOPO, A. P. (1908a) – Villa Nova de S. Jorge (Bragança): uma curiosa lápide inédita. *O Arqueólogo Português XIII*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 313-314.
- LOPO, A. P. (1908b) – Inscrições brigantinas. *Portugalia, 2*. Porto: 127.
- LOPO, A. P. (1920) – Um monumento funerário de Pinhovel, concelho de Macedo de Cavaleiros. *O Arqueólogo Português, XXIV*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 240-241.
- LOPO, A. P. (1987) – Apontamentos arqueológicos. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa.
- LORENZO FERNANDEZ, J. (1968) – Inscriptiones Romanas de Galicia IV. Província de Orense. CSIC/ Instituto Padre Sarmiento de Estudios Gallegos, Santiago de Compostela: 129-130.
- MARCO SIMON, F. (1978) – Las estelas decoradas de los Conventos Cesaraugustano y Cluniense. *Caesaraugusta, 43-44*. PSANA. Diputación Provincial de Zaragoza: 5-7; 18-26.
- MARCO SIMON, F. (2005) – Religion and Religious Practices of the Ancient Celts of the Iberian Peninsula. *E-Keltoi, 6*. University Wisconsin Milwaukee. www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes.html pp.30-34.
- MITHEN, S. (1998) – Arqueologia de la Mente: orígenes del arte, de la religión y de la ciencia. Ed. Crítica, Barcelona: 13-21; 163-197; 269-278.
- MONTEAGUDO GARCIA, L. (1996) – La religiosidad *callaica*: estela funeraria romana de Mazarelas (Oza dos Ríos, A Coruña), cultos astrales, priscilianismo y outeiros. *Anuário Brigantino, 19*. Arquivo e Biblioteca Municipais de Betanzos: 30-49.
- MOURINHO, A.M. (1986) – Epigrafia Latina de entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal – 1947. *Brigantia, VI (1-3)*. Assembleia Distrital, Bragança: 3-36.
- MOURINHO, A.M. (1987) – Epigrafia Latina de entre Sabor e Douro desde o falecimento do Abade de Baçal – 1947 (Continuação). *Brigantia, VII (1-2)*. Assembleia Distrital, Bragança: 101-130.
- PLÍNIO – *C. Plini Secundi – Naturalis Historiae, Liber II*. Tradução de Jean Beaujeu (1951). Société d' édition « Les Belles Lettres », Paris : 38-45.
- PONTE, S. da (2002) – Amuletos na Província da Lusitânia, in Religiões da Lusitânia. *Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 269-272.
- PRIETO MOLINA, S. (1996) – Los torques castreños del Noroeste de la Península Ibérica. *Complutum, 7*. Departamento de Prehistoria, Facultad de Geografía e Historia. Universidade Complutense, Madrid: 195-204; 209-210.
- RÁMIREZ SÁDABA, J. L. (2002) – O Homem e a morte na Lusitânia, in Religiões da Lusitânia *Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 301-305.
- REDENTOR, A. (1997) – Epígrafes inéditas da zona de Bragança. *Ficheiro Epigráfico, 54*. IAFLUC. Coimbra.
- REDENTOR, A. (2002) – Epigrafia romana na região de Bragança. *Trabalhos de Arqueologia, 24*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

- REDENTOR, A. (2003) – Representações zoomórficas na epigrafia funerária transmontano-zamorana ocidental da Época Romana. Actas do I Congresso Internacional de Arqueologia Iconográfica e Simbólica. LAC: 163-199.
- RENFREW, C. (1994) – The archaeology of religion, in *The ancient mind*. Cambridge University Press, Cambridge: 47-54.
- RENFREW, C. e BAHN, P. (1993) – Arqueologia. Teorias, Métodos y Práctica. Ediciones Akal, S. A., Madrid: 355-387; 425-455.
- RIBEIRO, J.C. (2002a) – Estela de *Valerius*, filho de *Arro*, in *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 558-559.
- RIBEIRO, J.C. (2002b) – Estela geminada de *Amma*, filha de *Capito*, e de *Valeria*, filha de *Bassilus*, in *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 561-562.
- RIBEIRO, J.C. (2002c) – Estela de *Fuscus*, filho de *Severus*, in *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 551.
- RODRIGUES, A. V. e BRANDÃO, D.P. (1962) – Missão de estudo arqueológico na região da Vilarça – Moncorvo. *Studium Generale, IX*. Actas do I Colóquio Português de Arqueologia. Centro de Estudos Humanísticos, Porto: 9-20.
- RODRIGUEZ COLMENERO, A. (1987) – *Aquae Flaviae*. Fontes epigráficas I. Câmara Municipal de Chaves: 297-340.
- RODRIGUEZ COLMENERO, A. (1997) – *Aquae Flaviae*. Fontes epigráficas da Gallaecia Meridional Interior, Vol. I. Câmara Municipal de Chaves: 234-259.
- SARMENTO, F. M. (1887) – Inscrições inéditas. *Revista de Guimarães, IV*. SMS, Porto: 185-189.
- TAVARES, M^a L. T. (1964) – Subsídios para o estudo dos símbolos e motivos ornamentais das estelas e cipós funerários Lusitano-Romanos (Dactilografado). Dissertação de Licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 15-31; 53-126; 208-212.
- TOYNBEE, J. M. C. (1971) – Death and burial in the roman world. Cornell University Press, New York: 33-42; 61-64.
- TRANOY, A. (1981) – La Galice romaine: recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l' Antiquité. Diffusion de Boccard, Paris: 176-177; 317; 332; 347-361.
- TRANOY, A. (1988-1994) – La rive nord du Douro à l' époque romaine: contribution épigraphique à l' étude d' une zone frontrière. *Gaya, VI*. Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro. GHAVNG, Vila Nova de Gaia: 125-136.
- TRANOY, A. e Le ROUX, P. (1989-90) – As necrópoles de Bracara Augusta. Les inscriptions funéraires. *Cadernos de Arqueologia, Série II, n.º 6-7*. UAUM, Braga: 210-211.
- VASCONCELOS, J. L. de (1901) – Notas Epigraphicas. *O Arqueólogo Português, VI*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 133-134.
- VASCONCELOS, J. L. de (1905) – As Religiões da Lusitânia, Vol. II. INCM, Lisboa: 109-110; 338-340.
- VASCONCELOS, J. L. de (1913) – As Religiões da Lusitânia, Vol. III. INCM, Lisboa: 406-446.
- VASCONCELOS, J. L. de (1918) – Coisas velhas. *O Arqueólogo Português, XXIII*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 359; Fig. 99.
- VASCONCELOS, J. L. de (1929) – Epigrafia do Museu Etnológico (Belém). *O Arqueólogo Português, XXVIII*. Museu Etnológico Português, Lisboa: 209-213.
- VAZ, J. L. I. (1998) – Epigrafia romana da Assembleia Distrital de Viseu. Governo Civil de Viseu: 23-30.
- V.V.A.A. (2001) – Estelas. Tras la sombra de la muerte, la vida. Donostia Kultura – San Telmo Museoa, Bilbo: 7-71.
- WAIT, G.A. (1995) – Burial and the Otherworld, in *The Celtic World*, Edited by Miranda Green. Routledge, London: 489-511.



Fig.20 – Ocaso no Oceano Atlântico.